

4

A entrada na escola

A preparação para a entrada no campo teve início já nas disciplinas cursadas ao longo do Mestrado. Desde as aulas de Pesquisa I até a disciplina de Antropologia, muitos textos foram lidos, muitas discussões estabelecidas. Algumas delas tratavam da postura adequada do pesquisador diante do estranhamento advindo do nativo em relação à sua presença. Ao chegar ao campo, deparei-me com essas questões. O significado da pesquisadora no imaginário de cada sujeito presente naquele universo a todo o momento vinha à tona, através das mínimas atitudes. De estagiária a professora, várias foram as classificações encontradas para dar sentido à presença da pesquisadora naquele ambiente.

4.1

Estagiária?

No cotidiano estruturado da escola não há lugar previsto para o sociólogo, para um adulto – frequentemente uma adulta – que não é professora, funcionária, nem mãe de alunos. Uma adulta que não se responsabiliza pela manutenção da disciplina, não pune – estranham os estudantes. Ao mesmo tempo, uma “colega” que nem sempre se dispõe a substituir a professora ausente, ou a ajudar a imprimir o material da prova – incomodam-se os professores.¹

Ao chegar à escola Tupinambá fui, imediatamente, procurar pela diretora. Um funcionário, muito cordial, me encaminhou até sua sala. A diretora não pode me receber nesse dia, pois estava em reunião, por isso, pediu que entrasse em contato com a vice-diretora, que foi bastante solícita, apesar de parecer um pouco tensa e atarefada. Nesse primeiro contato expliquei do que se tratava a pesquisa. A vice-diretora parecia incomodada e perguntou-me se eu estava analisando os professores ou os alunos. Enfatizei que minha pesquisa

¹ CARVALHO, Marília Pinto de. Um lugar para o pesquisador na vida cotidiana da escola. In: ZAGO, Nadir, CARVALHO, Marília Pinto e VILELA, Rita Amélia Teixeira. (orgs.) **Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003, p. 209.

buscava investigar o sentido da experiência escolar para os jovens e que eu não estava ali para avaliar o trabalho dos professores. Ela sorriu e disse estar preocupada, pois os professores não gostavam muito da presença de um “estranho” em sala e que, por isso, caso a diretora autorizasse minha investigação naquela escola, ela iria me encaminhar até a sala de aula todos os dias para me apresentar aos professores. Concordei e entreguei os encaminhamentos necessários para minha entrada na escola, juntamente com um resumo explicativo sobre minha pesquisa. A vice-diretora pediu, então, que eu retornasse no dia seguinte para conversar com a diretora.

Ao retornar no dia seguinte a diretora me recebeu e pediu que a explicasse a pesquisa – ela não havia lido os papéis que deixei na escola. Expliquei rapidamente, pois ela parecia estar apressada. Logo em seguida entrou a vice-diretora na sala e a diretora, apesar de bastante receptiva, parecia não dar muita atenção ao que eu falava. A conversa terminou com a diretora pedindo à vice-diretora que encaminhasse a *estagiária* até a turma do nono ano. A partir daquele momento havia me transformado na *estagiária*. E foi assim que ambas, quando não me chamavam pelo nome, se referiam a mim até o final do trabalho de campo.

Após a conversa com a diretora, a vice-diretora levou-me, então, até a sala, onde os alunos estavam assistindo aula.

4.2

Vigia?

Para os professores, a sala de aula parece ser um recesso quase inviolável, constituindo um espaço que se considera particular, que eles não desejam partilhar com outros adultos.²

Ao professor³ a vice-diretora apresentou-me como estagiária novamente, mas explicou o que estava sendo pesquisado. O professor, simpático, porém apreensivo, perguntou se eu realmente era estagiária, já que se tratava de uma

² CARVALHO, Marília Pinto de. *Op. cit.*; p. 217.

³ As disciplinas que os professores ministram não estão sendo mencionadas em virtude do anonimato da pesquisa.

pesquisa de mestrado. Expliquei sobre a dissertação e ele perguntou se eu estava ali para pesquisar realmente os alunos ou vigiá-lo. Falou isso sorrindo, num tom de brincadeira, mas que deixava transparecer certa desconfiança. Tentei retribuir a simpatia e mostrar-me neutra, dizendo que estava pesquisando sobre os alunos. Encaminhei-me até o final da sala, sentei e tentei ser o mais discreta possível. Evitei fazer anotações nesse dia, pois não queria inibir o professor.

Não foi apenas esse professor que pareceu desconfiado. Na aula seguinte, a vice-diretora não pode me apresentar à professora, pois estava resolvendo um problema na secretaria. No entanto, me deu total liberdade para me apresentar aos professores e observar as aulas. Quando cheguei à sala de aula e me apresentei, pedindo permissão para entrar e observar os alunos em sua aula, a professora ficou me olhando por alguns segundos, pensativa e calada. Como os alunos já me conheciam e foram receptivos à minha presença, a professora deixou que eu entrasse. Antes que iniciasse a aula, a professora perguntou muito sobre a pesquisa e disse ser bastante interessada por esses assuntos. Queria saber de que universidade eu era, como o curso funcionava, quantas vezes por semana eu tinha aula, qual a filosofia do curso, que linhas seguia... Após essa troca de idéias, apesar de parecer ainda um pouco desconfiada, a professora já sorria para mim e comentava sobre alguns alunos. Em meio a essa conversa, como se já quisesse deixar bem claro sobre sua própria postura, talvez com medo que eu a julgasse, a professora disse: “Sou tradicional mesmo. Não adianta. Para mim aula boa é aquela em que o aluno ouve o professor e existe disciplina. Eu sou assim.” Concordei com a cabeça e sorri. Nesse momento afirmei que o que me interessava era perceber como os alunos se relacionavam com a escola, nos diferentes momentos, com diferentes professores e atividades. Ela assentiu e sorriu. E continuou dando sua aula.

De uma forma geral todos os professores pareciam desconfiados e desconfortáveis no início. Porém, com o passar do tempo, foram se acostumando com minha presença. Aos poucos pareciam esquecer que eu estava ali. Tentei, durante esse processo, ser bem discreta e neutra, não chamar atenção e não fazer muitas anotações. Em meu diário de campo apenas registrava alguns tópicos que seriam desenvolvidos em casa, logo após a observação.

4.3

Professora?

Tanto meninos quanto meninas nos diziam muito sobre como eram suas relações com os colegas de ambos os sexos e com as educadoras, ao nos colocarem no lugar de professoras e acionarem mecanismos já conhecidos de interação, dentro de uma relação hierarquizada, substituindo apenas a dupla pesquisador-sujeito, por professor-aluno.⁴

Com os alunos a situação se desenvolveu de forma diferenciada. Assim que cheguei na sala, apresentada pelo professor de Geografia, todos me olhavam demonstrando certa curiosidade. Alguns ficaram me encarando como se tentassem adivinhar o que eu realmente estava fazendo ali. Outros riam e soltavam piadas para o professor e, em seguida, me olhavam, talvez querendo saber o que eu achava daquilo. No entanto, na primeira oportunidade que tiverem (a troca de professores de Geografia para Educação Física, ao término do tempo de aula), muitos se aproximaram. A primeira pergunta que faziam era o que eu estava fazendo ali. Respondia tentando explicar brevemente sobre a pesquisa. A maioria deles perguntou se eu era professora também e eu respondi que sim, que era formada em História. Todos que me fizeram essa pergunta perguntavam em seguida: “Ah, então você vai dar aula pra gente?”. Respondia que não. Naquela mesma semana entendi o sentido da pergunta. Os alunos estavam sem professor de História. O anterior tinha deixado a escola havia aproximadamente quinze dias e a coordenação ainda não tinha encaminhado outro professor para a instituição.

Os alunos adoravam conversar. Não houve nenhum tipo de resistência inicial da parte deles. Quando me viam sozinha, observando a hora do recreio, logo se aproximavam, faziam perguntas, me mostravam coisas, falavam sobre eles mesmos. Não foi difícil penetrar no universo desses jovens. Quando começaram a compreender o que era realmente uma pesquisa de mestrado, vinham, espontaneamente, dar sua opinião sobre determinados professores ou simplesmente queriam bater papo. A única resistência observada foi na aplicação do questionário. Muitos ficaram desconfiados, perguntando se era realmente para responder a verdade, se alguém iria ver as respostas dadas. Esclareci as dúvidas,

⁴ CARVALHO, Marília Pinto de. *Op. cit.*; p. 216.

afirmei não ser necessária identificação, pois o que me interessava eram as respostas verdadeiras, devido a seriedade e rigor da pesquisa. Alguns, principalmente as meninas, disseram ter adorado responder ao questionário, que “foi legal e que parecia um caderno de perguntas”. Após a análise das respostas dos questionários foi possível traçar um perfil sócio-econômico desses jovens.

4.4

Os sujeitos

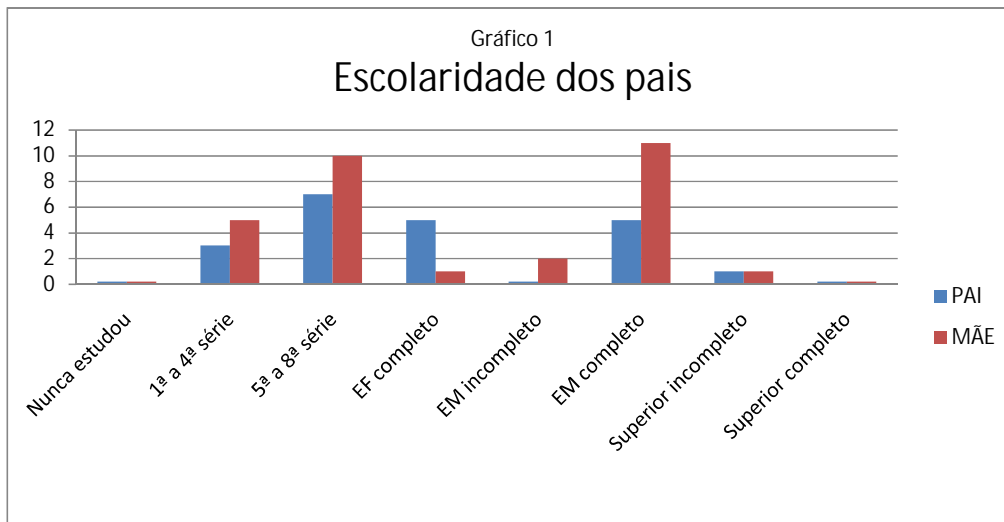
A maioria dos jovens que faziam parte da pesquisa ingressou na Escola Tupinambá no sexto ano do Ensino Fundamental. Muitos deles vêm de uma escola municipal que fica localizada no mesmo bairro, apenas uma rua após a Escola Tupinambá. Essa escola municipal atende somente até o quinto ano do Ensino Fundamental, por isso, quando seus alunos concluem esta etapa, são encaminhados para a escola mais próxima que atenda ao segundo segmento do Ensino Fundamental.

A faixa etária desses jovens compreende dos 13 aos 16 anos de idade. Dos 34 jovens analisados, 24 eram meninas e 10 eram meninos. Esses alunos pertencem ao que corresponde às chamadas camadas populares. Seus pais, apesar de, em alguns casos, possuírem um emprego fixo com carteira assinada, exerciam ocupações semi-qualificadas (2 pintores, 3 motoristas, 1 marceneiro, 2 mestre de obras, 1 vendedor, 1 serralheiro e 1 pedreiro). Havia 1 pai desempregado. Quanto às mães, 11 eram donas de casa, 5 eram empregadas domésticas, além de 1 caixa, 1 merendeira, 1 auxiliar de serviços gerais, 1 agente de saúde e 1 garçom. Ao serem questionados sobre as ocupações de seus responsáveis, alguns jovens apenas escreveram que eles trabalhavam fora, não especificando a ocupação (12 pais e 8 mães). Outros jovens afirmaram não saber quais eram as ocupações de seus responsáveis (6 pais e 1 mãe). Além desses, havia aqueles que já tinham pais falecidos (2 pais).⁵

O capital cultural familiar, considerado segundo a escolaridade, era igualmente reduzido: do total de pais, apenas 5 completaram o Ensino Médio. Em

⁵ No questionário, para a pergunta sobre as ocupações dos pais, houve 2 não respostas no caso da ocupação do pai e 1 não resposta no caso da ocupação da mãe.

relação as mães, o número aumenta: 11 conseguiram concluir o Ensino Médio⁶, como mostra o gráfico abaixo.⁷



Procurou-se conhecer esses jovens também quanto às suas condições materiais. Desses 34 jovens, apenas 1 não possui televisão em casa. A maioria possui rádio, videocassete ou aparelho de DVD, máquina de lavar roupa e telefone fixo. Todos possuem geladeira. 13 não possuem computador em casa e 22 não possuem carro – ver gráfico 2.

⁶ No questionário, para a pergunta sobre a escolaridade dos pais, houve 1 não resposta para a escolaridade do pai e 1 não resposta para a escolaridade da mãe. No caso dos pais, 11 jovens afirmaram não saber até que série seus pais estudaram. Já para as mães, 3 jovens não sabiam informar sobre a escolaridades de suas mães.

⁷ Para as abreviaturas do gráfico: EF = Ensino Fundamental e EM = Ensino Médio. No momento da aplicação do questionário foi esclarecido aos jovens o que significavam os termos completo e incompleto em relação a trajetória escolar – caso os jovens não compreendessem os termos e marcassem uma opção incoerente com a realidade, alterando os resultados da pesquisa.



A maioria das residências é composta por 2 quartos, 1 sala, 1 cozinha e 1 banheiro. Dos 34 jovens que faziam parte da pesquisa, 14 residem no mesmo bairro da escola. Os outros 20 alunos moram em bairros vizinhos, próximos à escola – alguns alunos precisam pegar ônibus para chegar até a escola, outros vêm caminhando.

A maioria desses jovens assiste, em média, de 1 a 2 horas de televisão por dia e seus programas favoritos são novelas, seriados, filmes, desenhos e programas que transmitem clipes de músicas nacionais e internacionais. A maioria deles não gosta de assistir a telejornais. Na internet gastam, em média, 4 horas diárias – aqueles que não possuem computador afirmam ir à lan houses perto de suas residências. Segundo eles, nas lan houses jogam, mexem no Orkut, MSN, email e visitam sites sobre seus artistas e programas de televisão favoritos. No tempo livre, muitos afirmaram também que a conversa com amigos é rotineira: gastam em média 3 horas por dia conversando com os amigos – segundo eles, quando chegam da escola conversam na rua, batem papo por telefone ou MSN. Do universo pesquisado, 8 alunos trabalhavam fora, pela manhã.

Esses alunos raramente vão a museus ou teatros. Algumas vezes vão à praia, cinema e shows. Os dois lugares mais freqüentados por esses jovens são o

shopping e a lan house. Vale deixar uma observação sobre esse ponto: na cidade onde os jovens moram não há teatro ou museus. A cidade mais próxima onde há um teatro fica a aproximadamente 40 minutos de distância da escola – de ônibus. No caso dos museus, ficam ainda mais distantes e os mais próximos localizam-se a pelo menos 1 hora de distância da escola, também de ônibus.